



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO,
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRAÇÃO,
CONTABILIDADE E ATUARIAIS
Departamento de Economia

GUILHERME VIEIRA GONÇALVES

**VENEZUELA PRÉ-OPEP: O CAMINHO ATÉ A
CONSOLIDAÇÃO E DEPENDÊNCIA PETROLÍFERA**

Monografia de Bacharelado em Ciências Econômicas

São Paulo

Maio/2023

GUILHERME VIEIRA GONÇALVES

**VENEZUELA PRÉ-OPEP: O CAMINHO ATÉ A
CONSOLIDAÇÃO E DEPENDÊNCIA PETROLÍFERA**

Monografia submetida à apreciação de banca examinadora do Departamento de Economia, como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, elaborada sob a orientação do Professor César Roberto Leite Silva.

Maio/2023

Gonçalves, Guilherme Vieira. O desenvolvimento do Venezuela Pré-OPEP: O caminho até a consolidação e dependência petrolífera / Guilherme Vieira Gonçalves - São Paulo, 2023. 46 p.

Orientador: Prof. Dr. César Roberto Leite da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Palavras-chave: 1. Instituições Governamentais. 2. Recursos Naturais. 3. Hidrocarbonetos.

O autor desta obra autoriza sua publicação eletrônica na Biblioteca Digital da PUC-SP. Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Aos meus pais e avós,
por todo o suporte e carinho.

Gonçalves, Guilherme Vieira. **Venezuela pré-OPEP: O caminho até a consolidação e dependência petrolífera.** São Paulo, 2023. Monografia de Bacharelado (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuariais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo: A Economia Venezuelana transformou-se significativamente durante sua existência, passando de uma economia agrária para uma economia extremamente dependente do petróleo. Esse processo principiou-se no início do século XX, quando o país descobre e começa a explorar suas vastas reservas de petróleo. Embora a exploração da commodity ajudou a impulsionar a economia venezuelana e desenvolver o país, também tornou-o vulnerável e sem poder de barganha frente os objetivos das multinacionais lá instaladas. Além disso, a dependência do petróleo também contribuiu para a negligência de outros setores econômicos, como a agricultura, o turismo e a manufatura, trazendo problemas econômicos e sociais graves.

Palavras-chave: Instituições Governamentais, Recursos Naturais, Hidrocarbonetos.

Código JEL: N26, N56, Q35.

Abstract: The Venezuelan economy has changed significantly during its existence, changing from an agrarian economy to an oil-dependent one. This process began on the 20th century, when the country discovered and began to exploit its vast oil reserves. Although the exploitation of the commodity helped to boost the Venezuelan economy and develop the country, it also made it vulnerable and without bargaining power in the face of the objectives of the multinationals installed there. In addition, dependence on oil has also contributed to the neglect of other economic sectors such as agriculture, tourism and manufacturing, bringing serious economic and social problems.

Keywords: Institutions, Natural Resources, Hydrocarbons.

JEL Classification: N26, N56, Q35.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. DE COLONIA AO AUTORITARISMO: CACAU, CAFÉ E CAOS 3	
1.1. Uma nação agrícola instável	3
1.2. O Período cafeeiro	5
II. A INTRODUÇÃO PETROLÍFERA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL	12
2.1. A descoberta do ouro negro	13
2.2. Mudança de rumo econômico	15
2.3. A ascensão petrolífera e suas contribuições	21
III. A CONSOLIDAÇÃO DO PETRÓLEO E SEUS IMPACTOS POLÍTICOS	25
3.1. Instabilidade pos-Gomecista	27
3.2. A frustrada investida à diversificação	31
3.3. Disparada petrolífera rumo à hegemonia	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais globalizado é imprescindível observar os exemplos geopolíticos e de modelos econômicos à nossa volta. Não muito longe do Brasil há um país latino que enfrentou recentemente uma das mais severas crises cambiais e monetárias da história da teoria econômica, a Venezuela. Neste projeto de Monografia analisaremos quais as possíveis causas desta crise e, observando o passo-a-passo econômico do país, como ele se tornou extremamente dependente de um único produto.

A Venezuela é um país rico em recursos naturais, sendo o petróleo o principal deles. A dependência petrolífera da Venezuela é uma característica marcante de sua economia e história recente, entretanto a introdução desta mercadoria na pauta econômica do país vem de tempos distantes, possuindo raízes profundas na história agrícola do mesmo.

Ao longo do século XX, a Venezuela consolidou-se como um importante exportador de petróleo, tendo como principal cliente os Estados Unidos, país este que viria a ser um agente coringa em sua história, uma parceria que trouxe consigo boas estimativas, mas em dadas circunstâncias foi prejudicial.

A exploração e exportação do petróleo tornaram-se a principal fonte de receita do país, representando mais de 90% das exportações e cerca de metade do PIB. Apesar de ser uma fonte importante de riqueza, a dependência petrolífera da Venezuela também tem sido responsável por vários problemas enfrentados pelo país, especialmente em períodos de queda nos preços do petróleo.

Como já mencionado, economia venezuelana é altamente vulnerável às flutuações do mercado internacional de petróleo, o que tem levado a crises econômicas e políticas, como o período hiper-inflacionário que observamos no início da década de 2010. Além disso, a dependência do petróleo como fonte única de receita tem limitado o desenvolvimento de outros setores da economia venezuelana, tornando-a menos diversificada e mais vulnerável a choques externos a cada ano que passa.

A falta de investimentos em outras áreas, como agricultura, indústria e turismo, muito influenciada pelo lobby de empresas multinacionais estrangeiras que exploram as jazidas petrolíferas venezuelanas desde seu descobrimento, levou a uma dependência de

importações e a uma deterioração da qualidade de vida da população e de seu ambiente político. Essa submissão a uma única mercadoria nos leva a questionar se, afinal, estar sentado sobre uma das maiores reservas petrolíferas da história é uma benção ou uma maldição.

Inicialmente, no primeiro capítulo, trataremos de seu período colonial espanhol e de sua emancipação como nação independente, período onde a economia da Venezuela foi baseada na agricultura. Investigaremos como as diversas culturas agrícolas prosperaram, ruíram e deixaram seu legado tauxiado na sociedade, dando o devido destaque para o cultivo de cacau, café e açúcar, suas três principais culturas agrícolas.

Já no segundo capítulo, examinaremos como ocorreu e quais foram os motivos para a mudança radical do rumo econômico do país, no início do séc. XIX, deixando de lado sua herança agrícola e iniciando sua vida petrolífera, colocando luz sobre como a descoberta de jazidas de petróleo no país mudou radicalmente sua economia, atraindo investimentos estrangeiros e impulsionando o desenvolvimento da indústria petrolífera e de sua sociedade como um todo.

Posteriormente, no terceiro capítulo, desenvolveremos como a influência estrangeira instaurou, sob e unicamente suas próprias pretensões, uma dependência vital do Estado venezuelano perante as multinacionais imperialistas dos países centrais, trazendo diversas consequências, poucas positivas e muitas negativas, à população da Venezuela. Empresas que inicialmente trouxeram o desenvolvimento, o capital e a possibilidade de exploração deste recurso, posteriormente se mostraram parasitas, enraizando seus interesses não só na economia mas na política e na sociedade venezuelana.

Com isso, após a análise desenvolvida nos três capítulos, esse projeto de Monografia busca evidenciar a dependência petrolífera da Venezuela como um tema complexo e relevante, que envolve aspectos econômicos, políticos e sociais, mostrando como a economia baseada no petróleo surgiu, substituiu a base exportadora agrícola e se consolidou. No processo de esmiuçamento da história econômica venezuelana dividida entre estes períodos, será possível entender melhor como o país se encontra inserido em uma frágil posição no jogo econômico atual e como, nos últimos anos, a situação na Venezuela tem sido ainda mais complicada, com a crise política, social e econômica que assola o país.

I. DE COLONIA AO AUTORITARISMO: CACAU, CAFÉ E CAOS

Alguns dos renomados autores da história do pensamento econômico acreditam que as civilizações e sociedades crescem circundadas por um centro exportador, este centro será posteriormente responsável pelo desencadeamento do mercado interno e do desenvolvimento populacional. Atualmente, a extração, refino e exportação de petróleo na Venezuela dá-se pela empresa 100% estatal PDVSA, é através dela que o gigante reservatório de recursos naturais venezuelano é majoritariamente explorado, dito isso, fica fácil entender como a inexistência dela, nos dias de hoje, mudaria a realidade do povo Venezuelano.

A partir da exploração e exportação do petróleo o país foi completamente inundado por dinheiro externo. Surge então a possibilidade de utilizá-lo para um melhor e mais equilibrado desenvolvimento econômico, realizando projetos desenvolvimentistas e investimentos produtivos, objetivando a substituição de sua base exportadora, visto não ser interessante economicamente viver à mercê de apenas uma mercadoria de exportação.

Inicialmente, o projeto de desenvolvimento adotado pelo país (1900-1970) teve certo sucesso, aumentando em muito a qualidade de vida de uma população que no início do séc. XX carecia de condições mínimas de subsistência. Porém, conforme o tempo passava mostrava-se imprescindível a urgente necessidade do país se modernizar e diversificar sua base produtiva e suas fontes de renda.

1.1. Uma nação agrícola instável

Sem comentar como era a Venezuela pré-revolução bolivariana seria impossível compreender a crise econômica dos dias de hoje e sua relação com os Estados Unidos, o regime chavista autoritário e seu sucessor, Maduro. Portanto, começaremos, obviamente, do início.

No início do séc. XX a república Venezuelana pouco tinha a ver com a exportação petrolífera, de fato são escassos os materiais que se tem sobre a prematura economia venezuelana pré-independência espanhola, o pouco que se sabe é que o país tinha sua atividade econômica baseada completamente na exportação de produtos agrícolas. Ou seja, assim como a maioria das economias marginalizadas Latino-Americanas, iniciou sua trajetória como exportador de produtos primários.

A Venezuela começou como uma colônia desdenhada pelo império espanhol, ficando na fronteira do conglomerado de províncias e tendo pouco contato com as outras partes do império. Justamente por esse pouco contato, sua economia foi praticamente autossuficiente até o momento de sua independência.

Em relação à estrutura econômica antes do desenvolvimento da indústria petrolífera, a Venezuela era um dos Estados mais pobres e atrasados da América Latina. O território, no início do século XX, era despovoado, com baixo nível de integração territorial, desprovido de meios adequados (...). A economia, naquele momento, era predominantemente rural, pré-capitalista e de subsistência, complementando o quadro de extrema carência material sob a qual vivia a maior parte da população do país (LOPES, 2011, p. 25).

As Guerras de Independência, lideradas por Simón Bolívar contra as forças do Império espanhol de Gran Colômbia tiveram como característica um profundo embate social entre escravos e senhores, entre servos da área rural e seus latifundiários, apesar de não resultar na abolição da escravidão a guerra ajudou a enfraquecer o regime escravista e acelerou o processo da “emancipação” dos escravos, concluído posteriormente na década de 50. Isso se deu pelo fato de que muitos escravos, no processo da guerra, se incorporaram às ações armadas, fugindo das fazendas onde trabalhavam. Estima-se que após o término da guerra o contingente de escravos diminuiu em cerca de 50% quando comparado ao início do séc. XIX.

As batalhas foram muito custosas, especialmente para a Venezuela, tanto economicamente como em termos populacionais, isso se deu pelo fato de que a grande maioria dos confrontos foram travados em solo venezuelano, ceifando muitas vidas. Economicamente podemos dizer que as batalhas foram como uma enxurrada de água torrencial destruindo casas de graveto, as frágeis e pequenas estruturas que o país possuía de produção de alimentos, campos de produção de cacau, fazendas e terras estavam, em sua maioria, dizimadas.

Em termos populacionais, muitas pessoas migraram para regiões mais estáveis na América Latina, outras não tiveram a mesma sorte, vemos uma redução de aproximadamente 25% do número total de habitantes do país, algo que certamente impactaria também na porcentagem de mão-de-obra ativa. Como relata propriamente o general e líder máximo da independência: “Tudo foi aniquilado. O fogo reduziu as cidades e o campo a cinzas: o ferro demoliu os prédios que as chamas não devoraram; o machado do carrasco imolou a criança, o velho, a virgem, o inválido” (BOLIVAR; SÍMON, 1814)

Assim como sua criação, sua reconstrução foi lenta e gradual, a mais nova nação conseguiu se reerguer e, no início dos anos de 1830, se insere na economia mundial. Vivendo um período, até então inédito, de paz, e livre da guerra de independência a população Venezuelana começa a crescer a níveis consideráveis, como visto na Tabela 1. Esse aumento populacional substancial seria muito importante para a inserção do país na economia mundial.

Tabela 1 - População Total Venezuelana no período 1830-1900

Ano	População (nº de pessoas)
1830-1835	941.302
1836-1840	1.048.939
1841-1845	1.169.490
1846-1850	1.289.413
1851-1855	1.387.877
1856-1860	1.467.760
1861-1865	1.537.834
1866-1870	1.616.012
1871-1875	1.727.366
1876-1880	1.883.087
1881-1885	2.050.570
1886-1890	2.174.223
1891-1895	2.314.723
1896-1900	2.475.251

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Naquele momento, o país possuía uma economia relativamente robusta para os padrões da época de países recém-independentes, mais sólida que seus coirmãos, e exterritórios, Colômbia e Equador, que também se independentizaram e lutaram lado a lado com a Venezuela a mesma guerra.

Os 2 carros chefes do nascimento da economia Venezuelana, responsáveis por cerca de 65% das exportações totais do país no período 1830-1870, foram as commodities cacau, primeiro alimento produzido em grande escala no país, e o café, que começou a ser produzido no período pós-independência.

1.2. O Período Cafeeiro

A exportação do cacau foi uma das poucas boas heranças que o período colonial deixou para a Venezuela, foi o primeiro e, por muito tempo, o mais importante produto de exportação venezuelano. Seu cultivo, porém, não é dos mais fáceis, há uma série de

pré-requisitos, como um grande contingente de mão-de-obra em sua fase embrionária, que devem ser seguidos para que 4 anos após o plantio, sua frutificação seja bem-sucedida e farta.

É simples entender o motivo dos governantes venezuelanos no início da década de 30 perceberem uma boa oportunidade de substituir seu principal produto de exportação por outro. Como grande parte de sua estrutura de cultivo de cacau havia sido dizimada pela Guerra de Independência e sua recuperação representaria um custo muito grande para um país ainda fragilizado com os acontecimentos recentes, a ala econômica do governo optou por concentrar a mão-de-obra livre, deslocada do setor cacauero, para a produção do café. Além de requerer um custo inicial menor para seu cultivo e frutificar mais rápido que o cacau, o clima e a fertilidade do solo venezuelano ainda ajudavam, era o casamento perfeito no momento mais oportuno.

“Debido a la pérdida de árboles maduros durante las guerras de independencia, hice una sustitución a favor del café. La resiembra de cacaoteros implicó costos más onerosos en comparación con el café. Por ejemplo, este cultivo requiere mucha mano de obra en su etapa inicial, ya que necesita zanjas y árboles de sombra. Además, la primera germinación se produce a los 30 meses y la primera cosecha a los cuatro años. Por el contrario, los requisitos iniciales de capital y mano de obra del café no eran tan caros. Al principio, los cafetales no necesitan una etapa prolongada de germinación. Además, la primera cosecha es posible en solo dos años”. (ARROYO, 2012, p. 122).

Enfim, após aproximadamente 10 anos de remontada estrutural, a atividade econômica internacional venezuelana começa a dar indícios de recuperação. A produção cafeeira já se encontrava mais sólida e, para beneficiar sua exportação e tentar aquecer a economia, o governo decide por diminuir consideravelmente os tributos e impostos referentes à esse produto. A medida foi adotada com a intenção de acelerar o desenvolvimento do setor e torná-lo autosuficiente, sem a necessidade de futuros subsídios.

Não demorou muito para esta medida fiscal, até então exclusiva ao setor cafeeiro, se estender a todos os outros setores da economia, fazendo com que em um curto espaço de tempo as exportações venezuelanas aumentassem mais de 250%. Esse aumento de exportações e consequente superávit nas transações correntes possibilitou grandes investimentos visando a expansão do setor agrícola do país, realizando a inserção de novas culturas e estabelecendo *plantations* em áreas antes virgens.

A força de trabalho no setor agrícola venezuelano era dividida entre dois tipos de mão-de-obra: os escravos, que representavam a grande parte do contingente trabalhador; e as múltiplas castas marginalizadas, que viviam sob uma situação de servidão perante seus latifundiários. Até o fim do séc. XVIII quase toda a mão-de-obra era escrava, já no início do séc. XIX foi introduzida a peonagem e grupos étnicos considerados inferiores eram postos em condição de servidão nas lavouras de cacau e café. Fazendo um recorte desse momento, estima-se que na província de Caracas havia mais de 60.000 escravos e os “índios de polícia” equivaliam a cerca de 47.500 habitantes, com esses dados há estimativas que, logo após a Guerra de Independência, a mão-de-obra escrava/serva equivalia a estrondosos 22% de toda a força produtiva do país.

“En efecto, en 1840 la población trabajadora incorporada a las haciendas estaba representada por 219.109 personas, de ellas 35.959 eran esclavos, de los cuales ya algunos estaban en proceso de manumisión, y 173.150 peones, campesinos en condiciones de servidumbre. El dominio cualitativo del peonaje sobre la mano de obra esclava ya era evidente en esta década: 16 % correspondía a esclavos y 84 % a peones y categorías similares.” (FIGUEROA, 1967, p. 359).

Não é difícil de imaginar que o derretimento do preço do café ocasionado por uma crise fosse capaz de “aleijar” novamente a economia venezuelana, quando um país concentra toda a sua base produtiva e exportadora em apenas um bem, isso pode ocorrer. Em meados da década de 50 há uma forte desvalorização da commodity nos mercados internacionais, gerando pânico nos países produtores de café. Somando-se a isso, no ano de 1854 a Venezuela abole a escravidão, estima-se que aproximadamente 70.000 escravos finalmente estavam libertos de suas miseráveis condições de trabalho forçado. Havia demanda por mão-de-obra, mas não havia oferta. Essa combinação de fatores fez com que, ao fim da década de 50, a atividade econômica venezuelana caísse aproximadamente 25%.

É natural que países “recém-nascidos” enfrentem tempos difíceis logo após sua emancipação: Corrupção; instabilidades econômicas e revoltas sociais são temas comuns vistos nesses casos. Parte disso se dá por conta de que, inicialmente, não há, na maioria das vezes, uma elite política com estabilidade e poder suficiente para governar uma população diversificada que antes era governada por pequenos grupos locais. Vale lembrar que a população venezuelana teve uma forte mudança em sua morfologia quando comparamos o período colonial e o séc. XIX, mudanças estas que foram causadas principalmente pelos períodos de Guerra de Independência e das guerras civis

subsequentes. A miscigenação entre negros, pardos e brancos ajudou a diminuir a estratificação com base na organização em castas, processo que foi liquidado completamente apenas após a abolição da escravidão.

“En el proceso de la guerra nacional de Independencia, muchos esclavos se incorporaron a las acciones armadas — un día bajo las banderas realistas y otro bajo las banderas patriotas — y estas acciones contribuyeron a multiplicar las fugas de las plantaciones y a facilitar las rebeliones. En la vida cotidiana, se observa que la guerra nacional de Independencia mermaba la capacidad productiva de la mano de obra esclava, contribuía a acelerar el proceso de manumisión.” (FIGUEROA, 1967, p. 351).

Pressões políticas em um Estado ainda jovem, juntamente com a crise econômica proveniente da massiva desvalorização do café e de revoltas sociais levaram o caos momentâneo vivido no país ao seu ápice no último ano da década de 50, a Venezuela entrara num período denominado de “Guerra Federal” que perduraria pelos próximos 5 anos e seria responsável por ceifar a vida de algo em torno de 100.000 venezuelanos, dificultando ainda mais a já complicada situação da economia do país.

As causas desse evento são diversas, seu estopim foi um hiato nos pagamentos de salários dos trabalhadores públicos e conseqüentemente a propagação de diversos protestos por seu território. O governo venezuelano se encontrava em uma panela de pressão nos últimos anos, principalmente pelo embate clássico do governo Liberal eleito em 1847 de José Tadeo Monagas, frente a oposição conservadora.

Nos primeiros anos da década de 60, devido ao pandemônio desenfreado vivido no país, o governo decide “comprar”, por um preço bem caro, poder político e estabilidade governamental. Há um aumento dos gastos públicos visando uma expansão das forças armadas.

Esse movimento foi amplamente criticado tanto pela elite Conservadora quanto pela elite Liberal, que acusavam o então presidente de acelerar a tendência de nepotismo governamental, além de considerarem sua crescente militarização um ato um tanto quanto antidemocrático.

“La supresión de las rebeliones Conservadoras de 1848 y 1849 le había asegurado a Monagas varios años de paz. Aunque persistían los rumores de invasión, los paisistas se mostraban pesimistas acerca de las posibilidades de éxito de otro intento por reconquistar el poder. No volverían a amenazar seriamente al régimen hasta 1853. La victoria, sin embargo, tuvo su precio. Muy pronto el régimen atrajo sobre sí las más estrechas críticas, tanto de liberales como de conservadores, por su creciente militarización. Muchos de los seguidores de Monagas

ocupaban ahora cargos de alto rango. Como resultado de las rebeliones, las fuerzas regulares había 2.849 hombres, y las milicias seguían contando con un contingente de 65.000. Naturalmente, muchos de estos últimos carecían de todo entrenamiento y estaban mal equipados (menos de una quinta parte tenía armas), pero su número representaba el intento de organización militar más significativo desde el período de la independencia.” (MATTHEWS, 1976, p. 94).

As atividades econômicas venezuelanas não crescerem, em média, sequer 1 ponto percentual entre os anos de 1850 e 1870, como observado na tabela abaixo. As décadas de 50 e 60 foram, de fato, uma pedra no calçado de um país que estava ainda aprendendo a caminhar sozinho, mas, por um curto período de tempo, achou que sabia correr.

Tabela 2 - Atividade Econômica por Setores: 1851-1870
(Milhões de bolívares de 1936)

Ano	Valor total da atividade econômica de alguns setores	Agricultura	Comércio e Finanças	Governo
1851	144,8	75,7	24,7	40,7
1852	117,6	63,9	19,5	31,2
1853	146,2	68,8	21,6	52,1
1854	153,4	76,7	21,4	51,4
1855	170,1	74,3	20	71,6
1856	150,7	65,6	24,8	56,7
1857	132,2	55,2	22,2	51,5
1858	164,3	86,8	28,5	44,9
1859	125,5	73,2	24,5	24,6
1860	140,3	51,7	17	68,1
1861	170,5	69,5	17,8	78,9
1862	146,5	71,1	14,1	57,6
1863	147,5	48,5	11,1	26,8
1864	148,5	62	25,9	57
1865	170,9	80,1	25,3	61,2
1866	148,2	74,4	21,2	48,9
1867	134,3	36,3	13	33,8
1868	120,5	52,8	19,7	45
1869	134,6	69,8	13,6	47,9
1870	139,8	94,5	19,7	22

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Ares mais calmos pairavam sobre a Venezuela no início da década de 1870, com a ajuda de líderes de “milícias” locais o governo conseguiu instaurar de volta a estabilidade na região e, com a atenuação dos níveis de violência, pode diminuir seus gastos com as forças armadas a patamares pré-guerra, enfim aliviando um pouco as pressões fiscais que existiam sobre ao balanço do país.

A estabilidade trouxe investimentos estrangeiros ao país, esse novo dinheiro foi responsável pela modernização da capital Caracas, transformando-a em uma cidade moderna. Além disso, apesar de 80% da população total do país ainda viver nas áreas litorâneas montanhosas, um projeto governamental que objetivava a integração das áreas rurais e marginalizadas do país realizou a construção de diversas estradas, interligando pontos antes isolados em seu território e diminuindo os custos de transporte de bens e mercadorias, barateando assim o preço das mesmas e aumentando a lucratividade daqueles que às exportavam.

Tabela 3 - Atividade Econômica por Setores: 1870-1880
(Milhões de bolívares de 1936)

Ano	Valor total da atividade econômica de alguns setores	Agricultura	Comércio e Finanças	Governo
1870	139,8	94,5	19,7	22
1871	123,8	73	26,5	21,1
1872	148	84	27,5	32,8
1873	159,4	98,4	21	36
1874	200,4	109	33,9	52,5
1875	191,5	96	44,8	46
1876	215	112,3	47,3	50
1877	182,1	91,5	42,4	43,6
1878	167,8	73	31,3	59,3
1879	167,8	80,5	36,2	46,9
1880	209,5	122,1	37,6	44,6

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Ainda que uma nova queda nos preços internacionais das commodities provocou uma retração nos níveis de exportação venezuelanos e confirmou novas pressões na balança de pagamento, há de se reconhecer que a década de 70 foi, até então, uma das

mais progressivas de toda a curta história do país. Além de todos os avanços em termos de integração social e urbana, a produção agrícola venezuelana dobrou de tamanho entre os anos de 1870 e 1880.

“La relativa consolidación política obtenida en la década de 1870 se tradujo a su vez en un costo de vida con una ligera tendencia descendente. Esta tendencia fue revertida hacia el fin del siglo. Dada la severidad de las condiciones económicas y políticas de fines de siglo, no es sorprendente observar esta tendencia al alza. En particular, la carne, el aguardiente, el jabón y los textiles experimentaron incrementos en sus precios, mientras que los del azúcar, el queso, los frijoles y los vegetales se mantuvieron sin mayores cambios.” (ARROYO, 2012, p. 126).

A década de 90, veio para frustrar as expectativas de um país que acreditaria ter atingido algum nível de solidez. O período foi marcado por instabilidades econômicas em patamares e volatilidades maiores que as observadas anteriormente, e, na entrada do séc. XX, tanto o preço do cacau quanto o do café corroboraram com a incerteza econômica vigente ao caírem 26% e 60% respectivamente. Destaca-se especialmente o preço do café, que atingiu seu patamar mais baixo de todo o século justamente no ano de 1900.

Não obstante que se tenha observado um crescimento de em média 2,5% a.a entre os períodos de independência e o fim do séc. XIX, a economia venezuelana foi marcada por grande instabilidade neste recorte de tempo, tendo picos de crescimento e recessão, sempre seguia o mesmo padrão dos preços internacionais dos produtos primários que exportava (principalmente o café), se o preço estivesse em um momento de baixa, a economia local também estaria em baixa. Isso se traduzia diretamente na qualidade de vida da população, havendo períodos em que se observava uma “bonança contida” e outros de pobreza extrema.

Apesar da qualidade de vida de uma família nos anos 1900 ser muito maior que o de uma logo após o período de independência, a maioria do povo tinha ainda muita dificuldade de subsistir, principalmente pelo alto custo de vida, causado majoritariamente pela inflação avassaladora que assolou o país tanto no período da grande escassez, após a Guerra Federal, quanto no período de explosão da demanda por bens básicos, na década de 80.

“Para Venezuela el siglo XIX fue una época de inestabilidad con moderado desarrollo económico. A pesar de un crecimiento de la actividad económica que promedió 2.6%, los estándares de vida superaron el nivel de subsistencia tan sólo en unas pocas décadas. En este siglo que ha recibido relativamente poca atención académica, los

vaivenes de la economía venezolana antes del petróleo también estuvieron influidos por el ritmo del mercado internacional. En efecto, con una canasta de exportaciones poco diversificada, Venezuela dependía del comportamiento de dos precios de exportación clave: el del cacao y el del café. El cacao fue el legado de la economía colonial de fines del siglo XVIII (...) A pesar de la expansión de la actividad agrícola, el costo de vida en Caracas fue sumamente alto.” (ARROYO, 2012, p. 134).

Esse problema da instabilidade podia ser parcialmente explicado por seu passado colonial não tão distante e pela falta de diversificação em sua economia, visto que muitas práticas do período colonial, tanto políticas quanto econômicas, não foram deixadas para trás logo após a conquista de independência frente ao Império espanhol. Práticas econômicas mercantilistas e medidas altamente regulatórias mantiveram o país economicamente fechado, corroborando com a perpetuação da situação de extrema pobreza que assolava a maioria de seu povo, ao passo que sua economia, completamente dependente de apenas uma cultura, não era diversificada o suficiente para poder mitigar os riscos de uma brusca queda nos preços do café no mercado internacional.

“En general, Venezuela en el siglo XIX estuvo afligida por la inestabilidad política y económica, con breves respiros de estabilización. Salcedo-Bastardo sostiene que desde 1830 hasta 1935 el país solamente vivió cortos periodos pacíficos: 1839-1840, 1842-1843, 1924-1927, y 1932-1835.³² El desarrollo de la economía exportadora siguió el ritmo de los precios internacionales del café y del cacao, dada la ausencia de la diversificación en la canasta de bienes de exportación. A pesar de la volatilidad en ambos flancos, política y economía, este país creció 2.5% anual desde 1830 hasta 1900.³³ Empezando con una economía en las ruinas después de las guerras de independencia, Venezuela creció a pesar de una guerra interna de cinco años, con precios de exportación desfavorables y una coyuntura política caótica en ciertos puntos. Esta volatilidad persistente caracterizó a la economía venezolana antes del surgimiento del controversial sector petrolero.” (ARROYO, 2012, p. 124).

II. A INTRODUÇÃO PETROLÍFERA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Apesar dos nativos que ali viviam já utilizarem o recurso como matéria prima na produção de seus medicamentos e como combustível para acenderem suas tochas há milhares de anos, pode se dizer que o petróleo foi descoberto como mercadoria, na Venezuela, apenas nos últimos anos do séc. XIX. Essa descoberta implicaria em profundas mudanças estruturais e econômicas. A ideia de que ele seria responsável por derramamento de sangue pareceria ridícula à época, era possível travar uma guerra por

território, por independência, ouro, especiarias ou escravos, mas não por um líquido viscoso e aparentemente com pouca finalidade.

Esse capítulo terá como objetivo investigar como um país, até então, praticamente 100% agrícola e sem conhecimento algum sobre a existência de petróleo em seu solo, bem como suas características, começou sua exploração e produção, tornando-se um dos maiores exportadores da commodity.

2.1. A descoberta do ouro negro

Ainda no início do séc. XX há a descoberta de vestígios de poços petrolíferos no país. Mal sabiam os primeiros exploradores venezuelanos que eles estavam sentados sobre a maior reserva petrolífera provada do planeta, cerca de 17,5% de todo petróleo mundial. Obviamente este versátil (e até então insubstituível) recurso natural não demoraria a ser explorado e a partir do ano 1920 a exportação petrolífera superaria a exportação de café, se tornando o principal produto exportado pela Venezuela, posição hegemônica que mantém até os dias de hoje. Pode-se dividir o século XX venezuelano (OSORIO, 2014, p.104) entre um antes e um depois da introdução petrolífera no país, entre um antes e depois dessa mercadoria originar experiências singulares e determinantes para o futuro desta nação, que mudariam o curso de sua história.

Com a substituição das culturas agrícolas pelo petróleo como fonte principal de exportação veio também uma mudança da classe politicamente dominante, a aristocracia agrária que se estabelecera há tempo durante todo o séc. XIX, quando os principais produtos de importação venezuelanos eram o cacau e o café, é substituída pela classe industrial, que tinha como objetivo abrir o mercado do país e possibilitar a entrada de empresas multinacionais estrangeiras para realizarem a exploração das valiosas jazidas.

Pela primeira vez em toda sua curta história, a Venezuela possuía um país minimamente liberal. Muito deste feito se deve ao ditador Juan Vicente Gómez, que colaborou na modernização de uma província até então colonial e na consolidação do Estado venezuelano. Esta maior liberdade econômica seria o alicerce responsável por tornar a Venezuela um dos países mais ricos e prósperos da América Latina até a segunda metade do séc. XX. É claro que, apenas riqueza bruta não representa uma maior qualidade de vida para a grande maioria da população, a Venezuela era também, ao mesmo tempo, uma das nações mais desiguais do continente, assunto esse que será explorado mais a fundo futuramente.

Nos primeiros anos da segunda década do séc. XX, entre 1911-1916, através de algumas explorações geológicas pela área costeira ao norte do país na província de Maracaibo, o governo venezuelano descobriu a existência de “poços sedimentares de hidrocarbonetos”. Cerca de 50 geólogos se reuniram para a expedição, grupos tão grandes assim eram incomuns em explorações da época, e através de informações de moradores locais descobriram as localizações dos tais poços recheados de um líquido escuro e viscoso.

Nas explorações, além dos poços petrolíferos, os exploradores observaram também o decadente estágio de subsistência que pairava sobre a população, mulas eram o principal meio de transporte e, além da fome, doenças como a malária, esquistossomose e a febre amarela eram comuns por toda a parte. O acesso à água potável era restrito e o sistema sanitário praticamente não existia. Apesar dos avanços de integralização do território venezuelano nas décadas de 60 e 70 do século passado, por conta da embrionária malha ferroviária, o único método de deslocamento entre Maracaibo e Caracas era um navio que fazia escala nas ilhas do Caribe, e assim a população marginalizada ainda possuía mínimas condições de subsistência.

“Conocemos, a través de testimonios de venezolanos que vivieron en las primeras décadas del siglo pasado, que Venezuela era un país aislado, muy pobre y limitado, y sabemos por la investigación económica de la segunda década del siglo XX que se encontraba em la más absoluta pobreza. En ese atraso social y económico, ¿qué tan escasas eran las posibilidades endógenas para explorar, extraer y exportar petróleo a escala industrial?, ¿qué incipientes los procedimientos industriales de la compañía petrolera venezolana la Petrolia del Táchira?” (OSORIO, 2015, p. 160).

A única indústria local exploradora do petróleo até então era pequena, chamada *Petrolia del Táchira*, fazendo alusão à cidade de Táchira em que foi fundada. O mercado não era considerado lucrativo e portanto permaneceu como uma incógnita na cabeça da ala executiva do governo venezuelano, chegando ao ponto do Ministro de Obras Públicas do período em questão, Gumersindo Torres, declarar em suas notas posteriores à vida política que não tinha conhecimento da existência de questões petrolíferas no país, mesmo que a descoberta do poço petrolífero de Zumaque, em 1914, indicasse a possibilidade de existência da commodity. Mais informações a respeito seriam descobertas apenas após o término da Primeira Guerra Mundial em 1918, com um forte movimento de entrada de capital estrangeiro no país, visando a exploração do recurso.

“No obstante, ese descubrimiento sí llamo la atención de las grandes corporaciones, pero tuvieron que esperar a que finalizara la Primera Guerra Mundial para emprender en firme la perforación petrolera, que en definitiva descubriría pozos con una producción equiparable a la de los yacimientos más fértiles del mundo. Años después se averiguaría que los primeros pozos perforados en la zona del Lago de Maracaibo eran parte de una de las acumulaciones de petróleo más gigantescas del mundo Occidental: el campo costanero Bolívar.” (OSORIO, 2015, p. 161).

Com a introdução de empresas estrangeiras no recém-nascido mercado petrolífero do país a importância do petróleo começa a permear não só pela esfera produtiva e industrial venezuelana como também em diversos outros sistemas da sociedade. A descoberta e produção petrolífera foi responsável por uma mudança identitária da Venezuela, passando de um país com uma frágil economia agrícola para um Estado petrolífero forte, modificando o status quo que advinha de sua posição nos mercados internacionais de exportador agrícola, morfando sua classe dominante de proprietários de terra para barões do petróleo.

“También el petróleo colmó de sentidos a las identidades políticas, a los imaginarios sociales, a los discursos nacionalistas; cargó de razones de interés nacional a la política petrolera, al manejo del ingreso petrolero, al control de la industria petrolera concesionaria, a la nacionalización de la industria; y tensó la relación entre gobiernos y sectores de la sociedad que tienen puntos de vista particulares sobre el destino del ingreso petrolero, el rumbo de la industria, la política pública petrolera.” (OSORIO, 2015, p. 161).

É observável como a introdução do petróleo na economia venezuelana foi um marco. O capital estrangeiro fora responsável pela faísca que desencadearia toda uma mudança nas cadeias produtivas do país, deixando para trás estruturas pré-capitalistas antiquadas e, finalmente, iniciando o desenvolvimento de sua própria indústria. Na seção seguinte buscaremos analisar mais a fundo o passo-a-passo do início da exploração petrolífera na Venezuela e como ele provocou mudanças profundas em todas as esferas de sua sociedade, desde a economia até ao povo venezuelano.

2.2. Mudança no rumo econômico

A experiência venezuelana começa tímida e lacônica, como mencionado anteriormente, a primeira e única empresa à explorar petróleo em solo venezuelano, até a segunda década do séc. XX, foi a *Petrolia del Táchira*. Com uma produção mensal, praticamente artesanal, de algo em torno de 600 barris, foi a primeira empresa a possuir um “representante de vendas” em solo Estadunidense, visando firmar parcerias entre a

Venezuela e os Estados Unidos da América. Foi o primeiro ensaio venezuelano visando se tornar um país exportador do produto, já planejando utilizar o capital obtido com o comércio para financiar sua industrialização.

“En 1918, frente a los obstáculos que dificultan a la sociedad venezolana avanzar hacia la industrialización, los 600 galones mensuales producidos por Petrolia del Táchira son relevantes: es el “primer intento” local, por iniciativa particular, de explotar petróleo. Junto a las primeras leyes y códigos mineros, y contratos otorgados por el Estado para la explotación de asfalto y del petróleo.” (OSORIO, 2014, p. 110).

No início do séc. XX, os poços de petróleos eram vistos ainda como áreas de experimentação e, mesmo que a atividade petrolífera já estivesse mais avançada em países como o México, o procedimento era ainda muito rudimentar, havendo ainda pouquíssimas experiências nos países latinos. Não se sabia quantos barris seria possível extrair de um determinado local, sabia-se, apenas, que ali havia uma valiosa matéria orgânica.

“Es una industrialización que hizo arcaicas prácticas incipientes para reconocer formaciones del subsuelo con hidrocarburos, la más frecuente y nada costosa se asienta en la simple observación de rezumaderos. Otra más fortuita, se apoya en la eventualidad de un movimiento de tierra, para descubrir menes de petróleo liberados a consecuencia del sacudimiento, que fue como se advirtieron en 1875 los depósitos de hidrocarburos que explotaría la Petrolia, en una hacienda de café del Estado Táchira, en el occidente de Venezuela.” (OSORIO, 2014, p. 110).

Com o tempo, exploradores, geólogos, engenheiros e outros profissionais ligados à área foram documentando suas descobertas, modelos de perfuração, de extração e outras técnicas diversas. Com um certo acúmulo de conhecimento, entendeu-se como seria a melhor maneira de alocar recursos e abriu-se então o campo para a industrialização.

Os precursores deste mercado acreditavam que, com o avanço das tecnologias empregadas na área, seria possível prever onde explorar para obter um maior retorno do capital aplicado na extração. Buscando juntar conhecimentos em prol do avanço tecnológico e da produtividade, foram realizadas expedições para algumas das regiões em que se sabia da existência do petróleo, como a Rússia, México, Oriente Médio e a própria Venezuela. Essas expedições contavam grandes grupos com diversos profissionais, desde geólogos até engenheiros, de diversas nacionalidades. O que não havia sido confirmado até então relacionado a fertilidade dos poços petrolíferos presentes em solo venezuelano, pela falta de conhecimento e de tecnologia, confirmou-se após estas grandes expedições.

Neste momento, a Venezuela possuía os dois pré-requisitos para iniciar a sua produção e exportação petrolífera: (1) confirmação, mediante o empirismo, da presença de profundos e abundantes poços de petróleo em seu solo; (2) situação política e econômica favorável. A exploração das jazidas eram, até então, praticamente impossível de ser realizada por empresas nacionais, dada a falta de tecnologia, falta de experiências práticas e sabedoria de como fazer.

“En las primeras décadas del siglo XX, el anclaje de la industria petrolera extranjera en el país, era parte de la experiencia de internacionalización de la exploración, la producción y comercialización de esa fuente energética. En ese ámbito petrolero globalizado, la conformación de la industria petrolera del occidente capitalista, se relacionó con la extensión de las operaciones de las compañías petroleras, de sus países de origen a los países con inmensos yacimientos sin industria petrolera local.” (OSORIO, 2014, p. 111).

As bases liberais estabelecidas anteriormente no governo ditatorial de Juan Vicente Gómez favoreciam a entrada de empresas multinacionais estrangeiras que já possuíam certa expertise na produção, refinamento e exportação da commodity. O Estado venezuelano entendeu que a melhor maneira de iniciar a produção de barris de petróleo no país, dada a ineficiência e amadorismo das empresas nacionais até o momento, era realizando concessões à empresas estrangeiras. Estas possuíam capital para investir em projetos, mesmo que haja risco, possuem equipamentos, capacidade técnica, uma equipe experiente e já algum progresso tecnológico no campo, tendo *know-how* suficiente para implantar uma indústria petrolífera em qualquer canto do mundo sem grandes dispêndios.

O petróleo já era conhecido mundialmente a centenas e quiçá milhares de anos, porém era unicamente utilizado para impermeabilizar telhados e lubrificar eixos. Com o início da Primeira Guerra Mundial e a descoberta fundamental do motor à combustão, o interesse dos países europeus acerca do petróleo se intensifica rapidamente, a commodity era utilizada como combustível para submarinos, navios e tanques de guerra. Com o grande aumento de sua finalidade, o petróleo se transforma em poder político líquido, Winston Churchill utiliza-se da força da política externa Inglesa através da Shell, empresa criada apenas quatro anos antes e a primeira empresa estrangeira a receber concessões advindas do governo venezuelano, e assegura assim uma fonte do recurso à Inglaterra.

Um efeito imediato da guerra foi de estender a luta pelo petróleo entre as companhias a uma luta entre as nações. Inclusive antes de 1914, Grã-Bretanha se interessou grandemente na aquisição de petróleo para sua Marinha, cujos navios, movidos com petróleo estrangeiro, antes com

carvão inglês, tinham que ser independentes de outras potências. (LIEUWEN, 2016, p. 38-39).

Apesar de haver mais de uma empresa multinacional explorando o recurso em solo venezuelano, a mais predominante entre elas era a American Standard Oil, empresa que detinha 50% de toda produção petrolífera documentada naquele momento. Esse foi o primeiro momento, de muitos outros posteriores, em que uma empresa americana pisava em solo Venezuelano com interesses petroleiros. Era o início de uma relação “privilegiada” entre Venezuela e EUA, relação esta que marcaria o país como um ferrete socioeconômico que perdura até os dias de hoje.

Nesse momento da história, no início dos anos 1910, os países centrais que ditavam a geopolítica do globo já sabiam que possuir o controle da produção de petróleo era uma grande arma política e econômica. Não seria inteligente permitir que outras nações, nem mesmo as aliadas, controlassem o recurso em definitivo. Um belo exemplo dessa preocupação do controle total do recurso, mesmo com as nações aliadas, ocorreu entre os Estados Unidos e a Inglaterra nesta época.

Apesar de não desejar que o refino do petróleo cru ocorresse em solo venezuelano, visto ter delegado essa parte do processo às refinarias presentes nas ilhas caribenhas de Curaçao, o então líder Juan Vicente Gómez advoga que uma parte de toda produção petrolífera presente no país deveria manter-se e servir ao povo venezuelano, esse “dízimo” seria cobrado na forma de impostos e taxas.

Seguindo essa ideia, o Ministro de Fomento Gumersindo Torres, decide criar, em 1918, a *Ley de Minas*, diferenciando assim os produtos minerais, que advinham das minas de carvão do país, dos *hidrocarburos*, que eram fruto da exploração do petróleo. Essa lei garantiu um maior controle do Estado venezuelano frente à produção petrolífera em seu solo, visto que muitas empresas menores que recebiam do Estado concessões de exploração repassavam-nas, por uma quantia monetária, à empresas maiores como a Shell e a Standard Oil.

Ressalta-se que, em um primeiro momento, as concessões dadas pelo Estado venezuelano davam total propriedade à empresa a uma área demarcada para a produção do petróleo. Juridicamente, a posse destes campos eram das empresas e não mais do Estado venezuelano. Isso muda no ano de 1920 quando, ainda seguindo a ideia da persona “nacionalista” de Gómez, a primeira edição da *Ley de Hidrocarburos* é promulgada pelo então ministro Torres, que estudou e colheu referências das leis petrolíferas de outras

nações já “experientes” no ramo como a Rússia e o México. Essa lei garantia controle das áreas produtoras de petróleo ao governo do país e não mais às empresas multinacionais, a concessão agora seria apenas uma “permissão” por tempo determinado para extrair o recurso no local e não mais uma condição de posse integral dos poços e da produção.

O fato de a Venezuela ser um país economicamente frágil, sem capital e sem experiência no ramo petrolífero até então os leva a ficarem reféns dos interesses das empresas multinacionais que estavam naquele momento em seu solo. Não é difícil imaginar que estas ficariam deveras insatisfeitas com as últimas duas leis promulgadas pelo Estado venezuelano, leis estas que diminuía o controle empresarial sobre os campos petrolíferos e aumentavam as taxas cobradas pelo governo frente à produção. Essa insatisfação leva, apenas um ano após o lançamento da *Ley de Hidrocarburos*, a uma pressão conjunta das empresas multinacionais frente ao governo. Com ameaças de desistência da exploração do recurso no país, as multinacionais reivindicavam um controle total das áreas por elas exploradas e um aumento territorial das mesmas, estas reivindicações foram rapidamente aceitas por Gómez, dado que, sem estas empresas, a produção petrolífera na Venezuela voltaria à escala artesanal.

“A pesar de las presiones que círculos de poder ejercieron sobre el ministro de Fomento, Gumersindo Torres, para que acelerara los trámites del otorgamiento de concesiones, este se dio tiempo para reglamentar la explotación petrolera separada de la legislación minera. Narró en sus Memorias que estudió «leyes [de hidrocarburos] americanas, rusas, mexicanas» a fin de que el Ministerio de Fomento estableciera reglas petroleras. El decreto reglamentario del carbón, petróleo, y similares de 1918 incluyó sesenta disposiciones petroleras, y en 1920 se promulgó la primera ley de hidrocarburos venezolana, aunque tuvo corta duración por las gestiones del lobby de las compañías petroleras extranjeras ante el general Gómez para que se estableciera otra ley que por último fue promulgada en 1921.” (OSORIO, 2015, p. 163).

Ainda que Gómez tenha cedido, inicialmente, às pressões capitalistas das empresas multinacionais, não demorou muito para uma nova lei referente ao assunto ser debatida. Logo em 1922, um ano após a última decisão tomada pelo governo sobre o assunto, é promulgada a *Ley Petrolera*. Esta seria diferente das demais, uma lei independente e “acima” de todas as outras promulgadas anteriormente, pois garantia à Venezuela soberania sobre todas as áreas da cadeia produtiva do petróleo, desde sua extração à sua distribuição. Se algum interesse governamental e diplomático fosse travestido de interesse empresarial, por empresas que possuíam concessões de

exploração, o Estado venezuelano suspenderia imediatamente a concessão dada a tal empresa.

Como já mencionado anteriormente, Juan Vicente Gómez realizava um governo majoritariamente liberal, apesar de defender minimamente os interesses nacionais com a promulgação da *Ley de Hidrocarburos*, o ditador na grande maioria das vezes colocava o interesse empresarial à frente dos interesses nacionais. A *Ley Petrolera* garantia soberania do país frente aos interesses diplomáticos das nações industrializadas, porém não impunha nenhuma nova dificuldade, taxa ou imposto às empresas multinacionais que desejassem explorar petróleo no país.

A Venezuela, ao contrário do México (que estava no processo de nacionalização e total controle do governo na indústria petrolífera), perdia a sua soberania sobre o petróleo, e “entregava” a indústria petrolífera às grandes companhias. Desta forma, as grandes potências do mundo (como os Estados Unidos e a Inglaterra), utilizando as companhias petrolíferas como instrumento, mandavam na Venezuela, exercendo o imperialismo que (...) é a política externa voltada a dominação de outros povos e territórios mediante o uso do poder econômico e militar, podendo também ter usos de poder político e ideológico; como a Venezuela não tinha poder econômico e militar, era um país vulnerável às ações imperialistas das potências. (PEREIRA, 2020, p. 36)

As recentes leis petroleiras que liberalizavam ainda mais o país, somada à descoberta do até então maior poço petrolífero em solo nacional, denominado de *Los Barrosos Num. 2*, coloca finalmente a Venezuela no grupo dos mais importantes países produtores de petróleo do mundo e angaria um sedento interesse dos Estados Unidos da América. Além disso, talvez o fator mais importante para alavancar a Venezuela à posição de *Oasis* do petróleo mundial foi a derrocada da produção petrolífera mexicana. Com a consolidação de sua revolução, o México nacionaliza sua indústria petrolífera, afastando empresas multinacionais que exploravam petróleo no local há anos. Naturalmente, a produção petrolífera mexicana, agora responsabilidade unicamente de seu Estado, cai bastante quando comparada a produção advinda da exploração das empresas privadas, tanto por falta de tecnologia e expertise no processo quanto por falta de capital, retirado do país na saída das multinacionais.

Com a saída do México de cena, a posição de destaque obtida pela Venezuela trouxe novos interessados em seus recursos e assim observou-se, por um curto período de tempo, uma “guerra fria” entre EUA e Alemanha em território venezuelano, na época opostos politicamente, onde o vencedor da guerra diplomática controlaria os poços

produtivos do país. Com o apoio do governo inglês, Gómez privilegiaria os Americanos em detrimento dos alemães, garantindo quase o total controle de sua capacidade produtiva às empresas americanas. Ainda que com uma duração pequena, o embate diplomático sobre o controle do petróleo venezuelano entre EUA e Alemanha seria apenas um aperitivo do que estaria por vir nas próximas décadas do séc. XX.

2.3. A ascensão petrolífera e suas contribuições

O ano de 1928 representa um marco muito importante para a história econômica e social da Venezuela. Neste fatídico ano, a produção petrolífera assume a liderança no PIB venezuelano, ultrapassando o café, principal produto produzido no país desde o período colonial, quando o mesmo substituiu o cacau.

Observa-se que do ano de 1920 até o ano de 1928 a produção petrolífera no país aumentou a uma impressionante taxa de 8.870%, precisando de apenas 9 anos para superar os números da produção agrícola venezuelana. Isso corrobora com a ideia de que, apesar de haver concessões governamentais de exploração dos poços de petróleo anteriores à 1920, as leis promulgadas nos anos de 20 e 22 (*Ley de Hidrocarburos* e *Ley Petrolera*) juntamente com a derrocada da produção Mexicana e conseqüentemente a entrada maciça de capital Americano no cenário petroleiro da Venezuela ajudaram a alavancar muito a produção da commodity no país.

Tabela 4 - Composição Setorial do PIB: 1920-1930
(Milhões de bolívares de 1968)

Ano	Agricultura	Petróleo	Construção	Comércio e Finanças	PIB Total
1920	535	10	134	125	1793
1921	512	20	175	122	1790
1922	532	28	153	129	1867
1923	558	53	209	157	2165
1924	610	106	333	193	2604
1925	622	230	627	238	3376
1926	621	416	840	300	4067
1927	649	614	844	299	4341
1928	725	888	717	333	4976
1929	682	1166	955	384	5564
1930	826	1262	792	361	5643

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Além disso, essa rápida ascensão do petróleo aquece a economia como um todo, puxando todos os outros setores para cima. Com exceção do setor de agricultura, todas as outras áreas da economia Venezuela tiveram incrementos substanciais no período de 1920 a 1930, com destaque para o setor de construção que, muito puxado pelas obras de infraestrutura nas cidades que tinham empresas multinacionais instaladas e realizando a exploração do petróleo, aumentou aproximadamente 491%.

Outro fato observável e de importante destaque é o aumento das exportações, importações e Formação Bruta de Capital Fixo. Ao compararmos estes dados com o PIB do país verifica-se que, enquanto o PIB aumentou 214% em apenas 10 anos, as exportações venezuelanas tiveram um aumento na ordem de 327%. As importações, que podem ser usadas juntamente com outros parâmetros, como um indicativo de aumento da qualidade de vida da população, aumentou em 301%. A Formação Bruta de Capital Fixo, puxada pelo incremento de maquinário no setor petrolífero, aumentou espantosos 462%.

Tabela 5 - Gasto Dedicado ao PIB: 1920-1930

(Milhões de bolívares de 1968)

Ano	Consumo Privado	Consumo Público	Formação Bruta de K Fixo	Exportações	Importações	PIB Total
1920	1345	127	296	272	247	1793
1921	1046	159	368	393	177	1790
1922	1196	192	340	349	210	1867
1923	1427	223	456	371	312	2165
1924	1719	256	712	383	465	2604
1925	2023	293	1242	447	628	3376
1926	2409	341	1709	473	865	4067
1927	2264	409	1715	762	807	4341
1928	2993	465	1514	946	942	4976
1929	3142	436	1935	1116	1065	5564
1930	3319	420	1664	1162	922	5643

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

O crescimento da produção petrolífera teve também sua parcela de culpa na questão urbana e no êxodo rural venezuelano. Como o produto mais lucrativo não estava mais presente nas fazendas e a enxurrada de dinheiro advinda da exportação petrolífera

corroborando com a urbanização, muitas pessoas migram para as cidades em busca de melhores qualidades de vida e buscando oportunidades de trabalho.

As cidades que mais receberam pessoas vindo do campo foram, obviamente, as cidades que concentravam a produção de petróleo, por exemplo Maracaibo, que em 1907 possuía cerca de 40.000 habitantes e triplicou seu contingente populacional 20 anos depois, chegando a mais de 120.000 habitantes.

Tabela 6 - População Urbana e Rural: 1920-1930

Ano	População Urbana (nº de pessoas)	População Rural (nº de pessoas)
1920	490.765	2.501.703
1921	511.381	2.496.741
1922	532.358	2.492.403
1923	557.928	2.490.861
1924	581.581	2.495.568
1925	610.429	2.504.005
1926	639.930	2.512.433
1927	665.750	2.519.657
1928	692.463	2.528.295
1929	720.295	2.538.960
1930	749.148	2.551.065

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Além de incrementos populacionais, as cidades que possuíam empresas multinacionais instaladas e realizando a exploração petrolífera receberam também incrementos de infraestrutura no geral, como saneamento básico e eletricidade. O fato se traduz nos números, apesar de apenas 30% aprox. de todo o povo venezuelano viver em cidades, a população urbana aumentou 53% entre os anos de 1920 e 1930.

Apesar deste período de 10 anos ter sido, sem sombra de dúvidas, o de maior crescimento tanto economicamente quando socialmente na história venezuelana desde a sua independência, o ano de 1929 chega junto à crise da bolsa de Nova Iorque, um crash financeiro global que afeta todos os países do mundo, principalmente as nações grandes demandantes de petróleo. Naturalmente, com a contração econômica global e a diminuição da demanda por petróleo, a Venezuela relembra seus instáveis momentos de

monocultura agrícola e também sente os impactos da crise. A produção petrolífera venezuelana praticamente estagnou-se durante os 5 anos seguintes ao fim da década de 20, recuperando-se apenas no ano de 1935, quando volta a crescer à taxa mais modestas quando comparadas às vistas durante os anos de 20-30.

“A principios de 1930, se produjo un nuevo golpe cuando la depresión mundial afectó a la industria del petróleo. El *crash* de la Bolsa y el subsiguiente estancamiento de la máquina industrial del mundo dieron por resultado una reducción en la demanda de petróleo. Las fuerzas contrapuestas de superproducción y reducción de los mercados se reflejaron en una aguda baja de los precios del crudo. En 1931, estaban 40% por debajo de su nivel con respecto a 1926. Los stocks de petróleo perdieron más de la tercera parte de su valor. Enfrentadas con el desastre, las compañías redujeron voluntariamente las operaciones.” (LIUWEN, 2016, p. 102).

Tabela 7 - Composição Setorial do PIB: 1930-1940

(Milhões de bolívares de 1968)

Ano	Agricultura	Petróleo	Manufatura	Construção	Eletricidade e Água	Comércio e Finanças
1930	826	1262	-	792	-	361
1931	688	1150	-	447	-	285
1932	726	1313	-	484	-	259
1933	745	1145	-	529	-	270
1934	782	1170	-	539	-	331
1935	814	1318	-	656	-	361
1936	873	1358	412	715	-	354
1937	835	1598	466	849	-	441
1938	847	1486	445	1059	9	499
1939	817	1663	457	1047	9	535
1940	851	1540	477	829	11	549

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

A reação imediata em solo Venezuelano, a partir de 1930, foi a suspensão de todos os projetos de expansão e investimento petrolífero que estavam planejados, além de uma radical diminuição das operações. A importação de maquinário reduziu-se à 50% do que foi durante a década de 1920 e, com as atividades em um ritmo muito menor, fez se necessário uma diminuição no contingente de trabalhadores. Apenas 60% da mão-de-obra que estava empregada nas empresas petroleiras no ano de 1929 permaneceu empregada ao fim do ano de 1930, um total de 10.000 trabalhadores venezuelanos integraram a massa

de desempregados e, os que tiveram a sorte de manter o emprego, tiveram uma drástica redução salarial.

Outros setores da economia venezuelana, apesar de manterem praticamente o mesmo nível em relação ao PIB como visto na tabela 2.4, também foram afetados. Construtoras fecharam as portas visto que a maioria dos projetos de investimento na área petrolífera foram suspensos por tempo indeterminado e os comércios, principalmente nas cidades e áreas próximas à atividade petrolífera, enfraqueceram-se.

Apesar de ter sofrido com os impactos da crise de 1929, a Venezuela foi o país latino-americano que melhor se saiu neste período, o preço do petróleo teve uma queda menos acentuada quando comparado aos preços dos produtos agrícolas exportados pelos seus vizinhos, que desabaram. Enquanto a grande maioria das moedas dos países na América do Sul se desvalorizava frente ao dólar, o bolívar se apreciou, isso possibilitou a Venezuela pagar quase 100% de suas dívidas externas, aliviando sua balança de pagamentos e equacionando sua situação fiscal interna, dando folego econômico e uma certa estabilidade política ao governo.

III. A CONSOLIDAÇÃO DO PETRÓLEO E SEUS IMPACTOS POLÍTICOS

Alguns autores defendem que o petróleo foi, na verdade, uma chaga para a economia venezuelana. Como essa visão seria possível? Afinal, o petróleo foi o grande responsável por colocar um país até então pouco conhecido e irrelevante geopoliticamente em uma posição de importância, além disso, foi responsável pelos períodos de maior desenvolvimento social e econômico de toda a história do país.

Até o presente momento a Venezuela foi governada por ditadores e líderes que, apesar de se esforçarem para manter uma fachada democrática, tinham total controle sobre o Estado e sobre as decisões político-econômicas tomadas no país. A renda cacaueteira, cafeeira e posteriormente petroleira, era destinada exclusivamente aos interesses ditatoriais, favorecendo políticos, familiares e apoiadores do governo, sem haver ao certo um plano econômico de longo prazo para alocação dos recursos obtidos com as exportações de suas commodities.

Principalmente durante o governo do general Juan Vicente Gomez, foi montado um sistema de suporte ao seu governo baseado na distribuição de recursos econômicos aos aliados políticos e punições aos que se

opunham à sua administração. Os grandes proprietários rurais eram bastante pressionados pelo governo, que ameaçava com desapropriações os que não eram leais ao presidente. (LÓPES, 2011, p. 24).

No início da década de 30 as empresas estrangeiras que realizavam a exploração petrolífera em solo venezuelano protestaram contra uma medida, promulgada por Gómez, no fim do ano de 1928. Essa medida aumentava o imposto sobre os barcos que navegavam na baía de Maracaibo levando petróleo cru, de 1 bolívar por tonelada para 2 bolívares por tonelada transportada. Como mencionado anteriormente, o governo venezuelano de Gómez na maioria das vezes privilegiou as empresas multinacionais frente aos interesses nacionais, aos interesses do povo. O presidente da Shell, uma das maiores e mais beneficiadas empreiteiras presente em solo venezuelano nesse momento, realiza uma declaração pública criticando o então governo Venezuela pela “não cooperação” com a evolução da área petrolífera no país.

O então ministro Torres se enfurece com as “ingratas” empresas estrangeiras, visto que, nos últimos quinze anos, desde o início da exploração petrolífera na Venezuela, a constituição do país já havia mudado cinco vezes tentando se adequar as exigências e garantindo mais tranquilidade e benefícios às multinacionais que exploravam petróleo ali. Essa insatisfação de Torres com a atual situação do Estado venezuelano frente às empresas petrolíferas e sua produção não era de hoje, a gasolina vendida no país era mais cara que nos países importadores de petróleo venezuelano e, além disso, muitas empresas declaravam quantias completamente inferiores e irreais ao pagarem impostos ao Estado.

Estava claro que nascia ali uma figura nacionalista no governo venezuelano, talvez a mais importante de sua história pós-petróleo, e dessa vez ela tinha um apoio imprescindível para seu sucesso: A imprensa. Torres articulou diversos atos de pressão às empresas multinacionais, questionou o motivo da gasolina venezuelana ser vendida mais barata fora do país do que dentro e ameaçou criar uma distribuidora nacional de petróleo, o que resultou em uma redução de 10 centavos no litro de gasolina comercializado no país, de 0,45 para 0,35 bolívares. Após isso, cogitou abrir uma refinaria nacional, pressionando ainda mais as empresas, visto que as multinacionais levavam o petróleo para as ilhas holandesas no caribe para efetuar o refino, onde os custos para tal ação eram mais baixos.

Após uma investigação promovida pelo governo venezuelano descobriu-se uma diferença abissal entre o preço declarado à United States Tariff e ao governo venezuelano

no momento de transporte dos barris ao EUA, a investigação concluía que as empresas americanas Standard Oil Indiana e Gulf deviam cerca de 56 milhões de bolívares ao Estado. Essa foi a gota d'água para o grupo de empresas ali presente, estava cristalino como Torres representava uma ameaça às suas intenções imperialistas, e, ao fim de 1931, após grande pressão aplicada ao ditador Gómez, Gumersindo Torres foi destituído do cargo de ministro e os interesses do Estado em relação a área industrial foram colocados de volta no caminho pró-empresarial.

Essa faísca de sentimento nacionalista pode não ter progredido nesse momento da história, mas adubou o solo para futuras ideias e líderes desse viés. Primeiro com Bolívar, na época colonial, e agora com Torres, na época petroleira, a Venezuela teve líderes que lutaram pelo interesse do povo, em sua maioria abastado, que residia naquele país. Quebrando o paradigma e o legado de décadas de um governo liberal e pró-imperialismo, que quase sempre colocou as necessidades da população em segundo plano. A terceira “onda” viria com Chávez, na década de 90.

3.1. Instabilidade pos-Gomecista

Em Dezembro de 1935 o mandato de Gómez de 27 anos à frente do governo venezuelano acaba com seu falecimento. O legado deixado por Gómez era o de um país majoritariamente liberal, que possibilitou a livre exploração de suas jazidas de petróleo por empresas estrangeiras, o que, dada as circunstâncias, possibilitou um período de grande desenvolvimento econômico e social e ajudou a consolidar o Estado Venezuelano.

O sucessor de Gómez e também militar, López, indica Nestor Perez para o cargo de Ministro do Fomento, previamente ocupado por Torres. Perez tinha um pensamento similar ao de Torres em relação às políticas petroleiras pró-nação e anti-imperialismo e, logo no início de seu mandato, aumenta a quantia de tarifas e impostos que deveriam ser pagos pelas empresas multinacionais ao governo venezuelano. Observa-se uma dualidade no governo venezuelano, uma parte pequena tentava transferir o poder político petrolífero das mãos das empresas multinacionais para o Estado enquanto a outra, maior e mais forte politicamente, continuava privilegiando as multinacionais estrangeiras.

A cada ano que passava, desde o início do séc. XX, a participação das atividades de produção e exportação petrolífera no PIB venezuelano aumentavam, enquanto os demais setores, inclusive a agricultura, setor crucial para o início do desenvolvimento econômico venezuelano pós-guerra de independência, diminuía. Aproveitando a

valorização do bolívar frente ao dólar o governo venezuelano opta por solidificar ainda mais a produção petrolífera como a maior e única fonte de renda do governo. Inclusive, neste período, com a economia mundial se reerguendo e as atividades petroleiras venezuelanas indo junto, a Standard Oil ultrapassa a Shell e torna-se a mais importante companhia produtora de petróleo em solo venezuelano, os laços e embaraços político-econômicos entre EUA e Venezuela davam sinais de amadurecimento e um *spoiler* de como seria a política nacional dos próximos anos. Essa troca de bastão ocorre quando uma grande reserva de petróleo é vendida à eles, a empresa aproveitou e comprou-o durante o período de baixa no mercado petroleiro mundial. Com essa mudança, a Venezuela tornou-se a mais importante fonte, em números, para a empresa norte americana.

É possível argumentar o porquê de o governo ter optado por esse caminho: solidificar a atividade petroleira como a grande principal fonte de renda do governo diminuía o poder político e as reivindicações dos outros grupos econômicos. Ao passo que quase toda renda do governo venezuelano advinha das taxas e impostos na exploração do petróleo, pagos pelas empresas multinacionais em bolívares valorizados, o Estado devia “pouca satisfação” aos grupos secundários que contribuía muito menos pois seu orçamento e seu nível de gastos não seriam comprometidos caso estes grupos menos importantes estivessem insatisfeitos.

Como a alocação dos recursos era feita sem nenhum planejamento à longo prazo e os mesmos eram distribuídos sem nenhum sentido aparente, os grupos que eram apoiadores do governo militar eram privilegiados em detrimento dos outros, vivendo vidas de bonança ainda maior neste período em que o bolívar estava valorizado e com isso as importações mais baratas. Solidificava-se assim um ciclo vicioso, muito danoso para a população geral do país. Já que quase todo o dinheiro do Estado vinha das empresas estrangeiras o governo privilegiava-as e tomava decisões políticas baseada nos interesses das mesmas, as empresas estrangeiras por sua vez apoiavam o governo militar corrupto, desde que suas ações estivessem alinhadas com seus interesses, perpetuando-os no poder. Quando algum membro do governo “saía da linha” e arriscava-se a quebrar o status quo de dominância política pelas multinacionais, a pressão pela destituição deste político do cargo aparecia, e funcionava.

Para o povo, era difícil ter uma visão diferente do futuro, o governo ditatorial fazia de tudo para manter uma fachada democrática, mas não agraciava a população com o

direito de escolha em uma eleição presidencial. Como a atividade petrolífera desenvolvia a infraestrutura venezuelana, principalmente nas cidades em que estavam localizados os campos de extração, a população visualizava o progresso social e econômico ocorrendo: melhores estradas, rodovias, sistema de saneamento básico e integração das cidades marginalizadas com a capital Caracas. A questão que a população ainda não conseguia visualizar era até quando esse progresso duraria.

Ao fim da década de 30 a Segunda Guerra Mundial eclode em território europeu. Por ser um país ainda jovem e pouco importante para a conjuntura mundial de poder, a Venezuela obviamente não participa da guerra, bem, pelo menos não diretamente. Com os novos armamentos sendo testados, veículos, tanques e navios demandavam cada vez mais o petróleo como combustível, assim como ocorreu na Primeira Guerra Mundial mas desta vez a uma taxa muito maior.

“Por otro lado, los cambios de la Segunda Guerra Mundial trajeron para Venezuela otras experiencias en las relaciones internacionales, el país halló en su condición de abastecedor energético seguro para el mundo occidental, una vía de conseguir ciertos acuerdos beneficiosos.” (OSORIO, 2014, p. 115).

Apesar da demanda mundial por petróleo ter aumentado muito, e, conseqüentemente, também a renda auferida pelo governo venezuelano neste período, a Venezuela enfrentava agora outro problema: a escassez de bens importados.

Desde 1920 as importações aumentaram muito em solo venezuelano, com o bolívar valorizado e a falta de uma base industrial produtora de bens de consumo no país, a saída era importar estes bens.

Com a chegada da Segunda Grande Guerra, o foco de boa parte dos países que exportavam bens de consumo e bens de capital à Venezuela mudou. Ao invés de produzir estes bens para exportação, estes países, que eram em sua maioria os mesmos países envolvidos na Segunda Grande Guerra, alocam sua força produtiva na produção de armas, munições, tanques, veículos militares, alimento para seu exército e provisionamentos gerais para a guerra. Além de re-alocar sua mão-de-obra disponível para produção de bens com objetivos militares, a quantidade de insumos disponíveis nas cadeias globais para produção destes bens de exportação também estavam mais escassos, devido a guerra. Isso dificultava a possibilidade de outros países, que não estavam envolvidos na guerra, substituírem as nações que antes produziam os bens de consumo importados pela Venezuela.

Tabela 8 - Total de Importações: 1920-1930
(Milhões de Bolívares de 1968)

Ano	Importação de Mercadorias e Serviços	Importação de Mercadorias	Serviços Associados a Importações	Direitos de Importação
1920	249	194	55	55
1921	123	96	27	27
1922	130	101	29	28
1923	197	153	44	43
1924	281	216	65	61
1925	399	304	95	85
1926	545	412	133	116
1927	486	364	123	102
1928	564	417	147	117
1929	625	453	172	127
1930	511	364	147	102

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

Assim, apesar de possuir uma grande capacidade monetária de importar bens de consumo e bens de capital, isso era naquele momento impossível. A impossibilidade de importar bens de capital inflingiria na economia venezuelana uma queda no número bruto de produção de barris de petróleo na casa dos 20 milhões de barris, representando aproximadamente 3 milhões de dólares naquele momento.

O período de escassez de importações venezuelano colocou novamente o foco de luz em cima do problema em ter uma economia completamente dependente de apenas um produto e não possuir uma indústria desenvolvida, se no futuro houvesse outras guerras, desvalorizações massivas do preço do petróleo no mercado internacional ou períodos de seca de produção, o que aconteceria com a economia do país? Como remediar a mesma situação num futuro se as condições econômicas do país permanecesse a mesma?

O governo tinha conhecimento do problema e, inspirando-se nas ações dos governantes após a guerra de independência, em meados de 1830, ao diversificar a economia e trocar o principal produto exportado de cacau para café, o novo presidente do país Isaias Medina decide por implantar uma política econômica apoiada em um Estado desenvolvimentista. Ajudado por um período de apreciação de sua moeda, o Estado venezuelano adota uma postura protecionista objetivando desenvolver a industrial nacional. Além disso, facilita o crédito para os empresários que buscavam realizar

investimentos e concede uma série de subsídios aos setores não-petroleiros, e, portanto, menos desenvolvidos na economia venezuelana.

Desde a época colonial, quando o país confiava em dois produtos agrícolas como fonte suprema de suas receitas, havia poucos agentes presentes na elite econômica do país. Num cenário oligárquico, estes poucos agentes se desenhavam em grandes famílias concentradoras da imensa maioria de riquezas no país, provenientes da exportação agrícola. Neste momento da história não seria diferente, os autores do projeto de desenvolvimento econômico apoiado em um Estado presente na economia eram, em grande maioria, as famílias empresárias venezuelanas. Elas seriam responsáveis por receber os petrodólares que entravam como uma enxurrada no país nesta época e aplicá-los em setores subdesenvolvidos ou ainda inexistentes na economia venezuelana.

Ao passo que essa concentração de renda ajudaria na criação e no amadurecimento de setores ainda pouco sólidos no país, também concederia mais poder político às mãos de um seletivo grupo de pessoas, poder político este que já estava nas mãos das mesmas pessoas há tempos. Muitas das famílias que seriam responsáveis pelo projeto desenvolvimentista atual já atuavam em outros setores da economia venezuelana há anos, como o agrícola e o têxtil, por exemplo.

3.2. A frustrada investida à diversificação

O ano de 1945 marcava o fim da segunda guerra mundial para as nações centrais da atual geopolítica mundial e o início de um novo período político para a Venezuela. A tentativa de diversificação na curta história do país não dizia respeito apenas à questão econômica, mas também na questão social. O governo de Medina e Pérez foi marcado por avanços na questão social e principalmente na questão da nacionalização, cada vez maior, do petróleo venezuelano. Mesmo tendo concedido um grande número de novas concessões às tradicionais empresas multinacionais presentes em solo venezuelano, Medina e Pérez promulgaram a *Ley de 1943* e a *Ley del Impuesto sobre la Renta* ambas com caráter anti-imperialista, visto que promoveram um aumento na quantidade de impostos pagos pelas empresas estrangeiras do setor petrolífero ao governo.

O aumento da carga de impostos sugerido por Medina e Pérez irritou os empresários e líderes das multinacionais petrolíferas. Ao mesmo passo, o grande aumento no número de concessões dadas às grandes empresas e os perdões de dívidas milionárias

concedidas pelo governo militar às mesmas também irritou a ala trabalhista, concentrada no maior partido político do país, o Ação Democrática.

Um golpe de estado arquitetado pelo AD em parceria à ala empresarial colocava agora um novo presidente, Betancourt, como comandante geral da nação. O governo seria comandado por uma Junta Revolucionária que era composta em conjunto pela Junta Militar e pelo partido AD.

“El nuevo ciclo de cambios de la institucionalidad petrolera germinó en la coyuntura pos-gomecista. La idea de la defensa del petróleo venezolano para enfrentar a minorías de poder que sacaban provecho de los negocios petroleros públicos y cuestionar las estrategias de los trust trasnacionales petroleros que menoscababan altos intereses nacionales, se pusieron en circulación con más o menos consenso en sectores del gobierno, en nacies partidos y grupos políticos, en fracciones sindicales, en círculos académicos e intelectuales y en el nuevo segmento de profesionales conocedores de los asuntos petroleros nacionales.” (OSORIO, 2015, p. 164).

O país ainda não sabia, mas esse seria o seu primeiro ensaio de um Estado mais popular e com um viés mais social. O novo comando promoveu diversas modificações na legislação trabalhista e incentivava a organização sindical, garantindo mais direito e “voz política” aos trabalhadores venezuelanos. Além disso, promoveu diversos avanços no setor democrático do país, garantindo direito a voto a mais camadas da sociedade e, focando principalmente nas parcelas mais abastadas da população venezuelana, aumentou o orçamento destinado à investimentos na área de educação, comunicação e saneamento básico.

Inegavelmente, a ala empresarial não estava esperando um governo ainda mais “radicalizado” à esquerda que o anterior, e foi o que aconteceu. Impostos massivos foram colocados sobre a atividade petroleira, como o programa *Fifty-fifty* que proibia que qualquer empresa presente no setor petrolífero auferisse mais que 50% dos benefícios da atividade de extração e comercialização do petróleo, sendo que a outra parte deveria ser paga ao Estado.

Para a economia, o novo comandante tinha planos de manter o projeto desenvolvimentista baseado em um Estado economicamente ativo. Com isso, promoveu um substancial aumento do salário mínimo e concedeu subsídios às áreas de bens duráveis e não-duráveis da sociedade, o que corroboraria para um maior aquecimento econômico e aumento do consumo das famílias, aumentando também o bem-estar geral e melhorando as condições de vida da população como um todo.

É de se imaginar que uma tentativa de rompimento com o *status quo* há décadas visto no país, onde o poder político e todas as regalias e privilégios governamentais estavam presentes nas mãos das famílias oligárquicas e, principalmente, nas dos barões do petróleo, irritaria estes setores. Os agentes que “davam as cartas” política e economicamente na Venezuela não estavam nada satisfeitos com as medidas realizadas pelo novo governo, medidas que favoreciam as camadas mais necessitadas do povo em detrimento às dinastias milionárias e multinacionais petroleiras.

“Las compañías se alarmaron ciertamente al enterarse de que Rómulo Betancourt, conocido por su retórica en contra de las compañías petroleras, acaudillaba la Junta Revolucionaria. Se dieron cuenta de que aún debían esperar más complicaciones cuando Juan Pablo Pérez Alfonzo, el diputado que creía que la ley de 1943 era una reforma demasiado suave, fue nombrado ministro de Fomento. (...) Aunque algunos acusaban a las compañías de haber colaborado con AD para derrocar a Medina, en realidad era el temor lo que les inducía a cooperar. Si las ideas expresadas anteriormente por Betancourt y Pérez Alfonzo iban a constituir la política del gobierno, el resultado sería desastroso para las compañías extranjeras.” (LIUWEN, 2016, p. 181).

Assim como ocorreu com o Ministro do Fomento Gumersindo Torres, outro nome importante na luta contra a perpetuação da ordem social elitista e pró-imperialismo vigente no país, a elite econômica venezuelana solidifica sua insatisfação juntando diversos grupos importantes na sociedade, como os agricultores, cristãos e outros conservadores e promove outro golpe estatal, retirando o então comandante Betancourt e colocando Pérez Jimenez na ponta do executivo nacional. Essa troca de bastão ocorreria pois os grandes empresários tinham medo de que o governo venezuelano decidisse por nacionalizar toda a produção petrolífera, assim como ocorreu no México e na Rússia, e acabasse com toda a atividade privada de exploração no país.

3.3. Disparada petrolífera rumo à hegemonia

Jimenez, colocado a dedo pela elite petroleira e oligárquica venezuelana em 1948, obviamente não compactuava com as ideias sociais-econômicas dos governo anterior. Tratou-se de reverter todo e qualquer avanço social conquistado pela população no governo de Betancourt, revogou as reformas agrárias e trabalhista e, por fim, voltou a conceder mais concessões às empresas estrangeiras que atuavam no mercado petroleiro dentro do país.

Indo na contramão da maioria dos outros países produtores de petróleo no mundo a Venezuela não mais fazia movimentos em direção à nacionalização da sua produção

petrolífera, na verdade, era o contrário. Já no início da década de 50 a Venezuela aumentou drasticamente a área total concedida às empresas multinacionais, o país necessitava desse dinheiro para financiar suas obras públicas como estradas, monumentos e saneamento e, diferentemente dos outros países petrolíferos como México e Rússia, sabia que sua economia dependia exclusivamente do petróleo, e a única fonte possível de conseguir tais recursos em curto prazo seria concedendo mais e mais áreas às grandes empresas petroleiras.

Apesar de ter deixado de lado o processo de introdução do Estado na economia como um agente ativo e ignorado totalmente a ideia de diversificação da base econômica venezuelana, a economia do país cresceu, e muito, no período do governo de Jimenez. Ao invés de adotar políticas protecionistas a fim de desenvolver a industrial nacional, como sugerido pelos antigos líderes do país, Jimenez promove uma forte abertura comercial no país, atraindo um massivo contingente de capital estrangeiro que foi responsável pelo desenvolvimento comercial de vários setores ainda crus da economia venezuelana, como o setor de embalagens e o setor industrial.

Além disso, apesar do alto nível de corrupção e tráfico de influência, o setor de construção civil foi outro muito privilegiado pela abertura comercial de Jimenez. Ao passo que a atividade petrolífera venezuelana explodia, os impostos advindos da produção corriam depressa para dentro dos cofres governamentais, aumentando a possibilidade de financiamento de obras de infraestrutura públicas.

O país consolidou firmemente a política petrolífera quando o governo, em 1956 e em 1957, outorgou novas concessões às companhias petrolíferas. De acordo com Avalo (2010), a área total concedida para exploração era de 821.091 hectares. Mesmo com alguns movimentos nacionalistas dentro do país, o governo entregava o seu próprio território para que as companhias, movidas pelos próprios interesses, investissem e extraíssem o petróleo. (WEMERSON, 2020, p. 49).

O aumento de concessões realizado pelo governo de Jimenez, principalmente nos anos de 1956 e 1957, ficou marcado como um ponto importantíssimo da história venezuelana, as ditas concessões elevaram a produção petrolífera do país à patamares até então desconhecidos. Quando comparamos o período entre 1950 e 1957 vemos que a renda advinda da atividade petrolífera mais que dobrou, um aumento expressivo de 137%.

Solidificava-se assim o petróleo, ainda mais do que antes, como a grande atividade econômica do país ainda. Em 1957, a atividade petrolífera concentrava cerca de 40% de toda a renda que era auferida pelo governo do país (!). Esse grande *boom* no nível de

produção e renda petrolífera venezuelano culminou na criação do *Instituto Venezolano de Petroquímica*, órgão estatal responsável por toda atividade petroquímica no país, desde a extração petrolífera, refino, produção de derivados e comercialização.

Ainda que a renda auferida pelo governo advinda da produção petrolífera tenha aumentado à um grau considerável na década de 50, a Venezuela ainda possuía chagas que carregava desde sua época agrícola. Celso Furtado realiza um estudo sobre a economia venezuelana nos anos 50 e, corroborando com o que foi lido até aqui, evidencia que apesar de um alto nível de renda per-capita a esmagadora maioria da população vivia abaixo da linha da pobreza.

O Estado venezuelano necessitará de um tipo de economista que não se forma hoje nas universidades: o especialista em problemas de transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento e da administração de recursos financeiros abundantes num sistema com grande rigidez estrutural. (FURTADO, 2008, p. 135).

Furtado continua sua explicação mostrando que, apesar de ter se tornado um Oasis do petróleo e ter a 2ª maior produção mundial, o país ainda possuía uma estrutura produtiva de baixo grau de desenvolvimento. Isso dificultava a sua solidez econômica e sua estabilidade política, visto que, segundo ele, a Venezuela era um país dependente de estímulos externos para o crescimento de sua economia, tanto das empresas estrangeiras que possuíam seu maquinário e tecnologia instalados no país como das variações de demanda petrolífera global.

Tabela 9 - Composição Setorial do PIB: 1940-1957
(Milhões de bolívares de 1984)

Ano	Agricultura	Petróleo	Mineiração	Manufatura	Construção	Eletricidade e Água	Comércio e Finanças
1940	3934	10334	-	2659	4008	27	5011
1941	3761	14237	-	2341	3081	32	4933
1942	3774	9247	-	2557	3035	33	4081
1943	3857	10308	-	2636	3800	34	4413
1944	4017	18166	-	2898	5752	37	6779
1945	4098	23267	-	3313	7501	42	8721
1946	4415	25335	-	3915	10030	47	8890
1947	4287	29749	-	4529	11531	56	12133
1948	4587	35405	-	4108	13236	68	16060
1949	5064	30421	-	4563	15294	80	15671
1950	4964	34064	98	5023	14532	97	15691
1951	5477	43509	216	5830	15079	113	15710
1952	5744	43863	368	7171	16729	139	16515
1953	6326	43157	388	8097	14909	157	18145
1954	6184	47042	746	9574	17497	186	21219
1955	6743	52901	1085	11052	17821	219	22672
1956	6933	73217	1370	11796	20346	278	25005
1957	7262	80976	1881	13324	25190	328	31152

Fonte: BAPTISTA, 2006. **Bases cuantitativas de la economía venezolana**

A diversificação da base econômica venezuelana afim de diminuir a dependência petrolífera e a melhor distribuição de renda e direitos sociais virou pauta por um curto espaço de tempo, no governo da Junta Militar e AD, nos anos entre 1945 e 1948. Poucos anos depois, no período entre 1948 e 1958, reverteu-se todo avanço democrático e social obtido pelo governo anterior e solidifica-se o rentismo petroleiro e imperialismo industrial estrangeiro na Venezuela, pelas mãos de Jimenez. Morria assim, mais uma vez, a tentativa de construir um país mais igualitário e menos concentrador de renda, mais socialmente aceitável e menos entregue às multinacionais, como foi desde o início de sua exploração petrolífera.

Via-se nascer um certo padrão entre governos e períodos políticos na Venezuela, a instabilidade política observada, dentre outros tantos períodos, nas décadas de 40 e 50 serviria de “aperitivo” para o que estava por vir ao fim do séc. XX, já era possível notar um movimento usual dos agentes político-econômicos do país. Começava-se a criar duas posições políticas distintas que revezavam a caneta presidencial, os Nacionalistas e trabalhistas frente aos Empresariais Imperialistas, performando um certo joguete de cabo de guerra afim de estabelecer controle num território em comum às duas partes: os campos petrolíferos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura econômica de países e suas particularidades são temas amplamente debatidos, diariamente, em nossa sociedade. Nestes debates, parece ser consenso entre os economistas, das mais diversas vertentes, de que a dependência extrema de apenas um bem como fonte primordial de receitas é algo não-saudável para a economia de um país. Com isso posto, esta Monografia possuiu dois objetivos analíticos distintos, separados pelos três capítulos presentes.

Inicialmente, discorrendo sobre os fatos primordiais do objeto de estudo Venezuela, houve a tentativa de compreender como se deu sua formação e seu amadurecimento como nação independente e autônoma. Buscou-se entender como se desenrolaram todos os percalços e dificuldades enfrentados no período agrícola pós-independência e quais eram as particularidades do território e de sua sociedade, assimilando as características de sua classe trabalhadora e de sua classe dominante política. Conseqüentemente, após o primeiro capítulo, foi possível concernir melhor tanto os motivos do nascimento da cultura petrolífera no país ter sido tão veloz quanto as causas desta cultura econômica ter se sobreposto à outras tão agressivamente.

Posteriormente, nosso segundo e principal objetivo analítico era por olhos sobre a relação da classe política dominante venezuelana com a burguesia petrolífera internacional, analisando como essa associação abusiva propiciou, ao mesmo tempo, avanços na infraestrutura e na integração municipal de cidades, formação bruta de capital fixo e uma enxurrada de petrodolares ao governo e, por outro lado, uma dependência profunda de uma única mercadoria e a extrema vulnerabilidade às flutuações dos preços internacionais da mesma.

É irracional imaginar que a Venezuela depende apenas de uma commodity como fonte única de receitas por opção própria, colocando toda sua esperança de um futuro melhor nas mãos de um jogo geopolítico de preços. Esta Monografia auxilia no entendimento de que, claramente, a dependência e vulnerabilidade à volatilidade dos preços do petróleo não são opções da nação Venezuela, e sim consequência de como desenvolveu-se sua história enquanto nação, inserida no mundo capitalista e vista, desde seu nascimento, como um campo de exploração pelos países centrais, muitas vezes com intenções imperialistas, da Divisão Internacional do Trabalho.

Além de uma análise minuciosa da história venezuelana e de suas consequências, é crucial estabelecer um paralelo com outras nações que dependem de uma única mercadoria. Ao analisar o objeto de estudo desta monografia, é possível concluir que as discussões econômicas acadêmicas devem se concentrar não apenas nas consequências dos fatos históricos, mas também nas causas subjacentes responsáveis por eles. Em particular, é necessário deslocar o ponto focal de análise das consequências da dependência de um único produto para as relações políticas abusivas e imperialistas entre nações "centrais" e periféricas. Somente ao abordar essas causas fundamentais, poderemos entender a dinâmica econômica global e formular soluções mais eficazes para os problemas econômicos enfrentados pela Venezuela e outras nações em situação semelhante.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Leticia Arroyo. **Inestabilidad, costo de vida y salarios reales en Venezuela en el siglo XIX.** Scielo, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S140522532013000300005&lng=es&nrm=iso>

BAPTISTA, Asdrúbal. **Bases cuantitativas de la economía venezolana, 1830-2002,** Caracas, Fundación Empresas Polar, 2006.

BARROS, P. S. **Chavéz e Petróleo: Uma análise da nova política econômica venezuelana.** Brazilian Journal of Latin American Studies, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 209-237, 2006. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2006.81813. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/81813>.

FIGUEROA, Federico. **La población y la estructura social de Venezuela en las primeras décadas del siglo XIX,** Bulletin Hispanique, Université Michel de Montaigne Bordeaux 3, vol. 69, núms. 3-4, 1967.

LIEUWEN, Edwin. **Petróleo en Venezuela, una historia.** Caracas: El Perro y La Rana, 2016. 226 p, 1ª edição digital. Disponível em: <<http://www.elperroylarana.gob.ve/petroleo-en-venezuela-una-historia/>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

LOPES, Ademil Lúcio. **O governo Chávez e o ensaio da superação do retismo venezuelano: do nacionalismo bolivariano ao socialismo do século XXI.** 2011. 156 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106288>>.

MATTHEWS, Robert P. **La turbulenta década de los Monangas, 1847-1858** en Miguel Izard et al., Política y economía en Venezuela, 1810-1976, Caracas, Fundación John Boulton, 1976.

OSORIO, Gregorio Darwich. **Petroleo em Venezuela: experiencias del siglo XX.** Espacio Abierto, vol. 23, núm. 1, Universidad del Zulia, Maracaibo, 2014.

OSORIO, Gregorio Darwich. **Petróleo en Venezuela en el siglo XX.** Scielo, 2015. Disponível em: <http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-25082015000100009>

PEREIRA, Wemerson Francisco. **Geopolítica do Petróleo e Poder no Território na Venezuela: Das Concessões ao Chavismo**. Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/730c0107-872e-48dc-95e064b75c21f86c/2020_WemersonFranciscoPereira_TGI.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FURTADO, Celso. **Ensaio sobre a Venezuela: Subdesenvolvimento com abundâncias de divisas**. 1. ed. [S. l.]: Contraponto, 2008. 188 p. v. 1.